

A Idade Nova: a Política de Tristão de Ataíde na década de 1930

Alexandre P. Ramos*

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns apontamentos para uma futura análise das idéias políticas, sociais e econômicas desenvolvidas por Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, diretor do Centro Dom Vital após a morte de Jackson de Figueiredo) na década de 1930 no Brasil, atentando, sobretudo, para o contexto da época e como tais idéias estiveram presentes no debate intelectual acerca dos planos para uma nova organização do país após a Revolução de 1930. Procuraremos, também, traçar em conjunto com estes apontamentos algumas aproximações e distanciamentos com o pensamento integralista que igualmente marcou este mesmo período da história brasileira.

Palavras-chaves: Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) – Pensamento político brasileiro – Integralismo

Abstract: The objective of this paper is to introduce some notes towards further analysis of the political, social and economical ideas developed by Tristão de Ataíde (pseudonym of Alceu Amoroso Lima, the director of Centro Dom Vital after Jackson de Figueiredo's death) in Brazil in the 1930s, verifying its context and how those ideas were present in the debates concerning the plans for a new organization for the country after the Revolução de 1930. This paper will also try to show, with this introductory notes, some of the differences and similarities between these ideas and the ones elaborated by the *integralista* movement.

Key-words: Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) – Brazilian political thought – Integralismo

* Mestrando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do GrPesq *Idéias, Intelectuais e Instituições* (UFF/CNPq) liderado pelo Prof. Dr. Fernando Antonio Faria. O presente texto é um primeiro esforço de reflexão concernente a temática em questão.

Breves dados biográficos de Alceu Amoroso Lima¹

Alceu Amoroso Lima nasceu em 11 de dezembro de 1893, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Fez os estudos primários em casa e cursou o secundário no Colégio Pedro II, formando-se em 1908. No ano seguinte ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, e em 1911 passou a trabalhar no escritório de advocacia de João Carneiro de Souza Bandeira. Formou-se em 1913 e viajou para a Europa. Após seu retorno, voltou ao escritório de advocacia de J. C. Bandeira onde trabalhou por mais um tempo. Mais tarde assumiu a direção jurídica da Fábrica de Tecidos Cometa, de propriedade de seu pai. Por causa desta sua posição foi que assumiu o pseudônimo literário de Tristão de Ataíde, pois ao ser convidado para ser crítico literário do *O Jornal*, recém fundado, resolveu ocultar sua identidade em vista de um preconceito corrente à época de que a prática intelectual era incompatível com o exercício das atividades intelectuais.

Procurou abster-se, até meados de 1924, de preocupações de ordem política, social e religiosa, quando passou a sentir-se “insatisfeito com sua postura existencial”. Interrompeu sua coluna de crítica literária e iniciou um prolongado diálogo epistolar com Jackson de Figueiredo, líder católico que fundara em 1922 o Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro. Inicialmente a discussão travada ateu-se ao campo político, mas aos poucos foram caminhando para o âmbito filosófico e religioso, o que levou Alceu Amoroso Lima à leitura de pensadores católicos como Jacques Maritain e Gilbert Chesterton, influenciando largamente sua vida. Em 1928 converteu-se ao catolicismo, provocando desconforto no meio intelectual e entre seus amigos, e neste mesmo ano, com o falecimento de Jackson de Figueiredo, assumiu a direção do Centro Dom Vital e passou a editar a revista *A Ordem*.

Alceu Amoroso Lima procurou manter o Centro Dom Vital desvinculado de questões políticas, mas quando da deflagração da Revolução de 1930, colocou-se contrário a ele, embora mais tarde, com a consolidação do movimento revolucionário e o governo de Getúlio Vargas, não tenha desenvolvido qualquer tipo de oposição ao Governo Provisório em vista do tratamento quase oficial que a Igreja Católica recebia. Depois, diante da possibilidade de eleições para 1933, Alceu Amoroso Lima ficou encarregado de organizar, junto com outros líderes católicos, uma organização eleitoral apartidária, surgindo, assim, a Liga Eleitoral Católica (LEC), assumindo a posição de secretário-geral. A Ação Integralista Brasileira (AIB)

¹ As informações contidas nesta seção foram retiradas de: FERREIRA, Marieta de Moraes. “Lima, Alceu Amoroso”. In: ABREU, Alzira Alves de *et al. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, pós-30*. vols. I-V. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001. 2ª Edição. Em vista da limitação de espaço, ficaremos restritos até a década de 1930.

tentou uma aproximação com a LEC diante das reivindicações em comum, porém, ainda que não só muitos católicos como o próprio Alceu Amoroso Lima demonstrassem considerável simpatia pelo movimento de Plínio Salgado, aquele decidiu que a LEC deveria permanecer à margem dos partidos, não favorecendo a nenhum deles. Moveu intensa campanha contra a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e foi contrário à fundação da Universidade do Distrito Federal pelo então prefeito Pedro Ernesto.

A política de Alceu Amoroso Lima: alguns elementos de análise

Autor de uma vastíssima produção intelectual, Alceu Amoroso Lima (ou Tristão de Ataíde) não parece possuir o mesmo prestígio de outros importantes expoentes do pensamento brasileiro cujas obras datam mais ou menos do mesmo período – considerando, aqui, sobretudo, as primeiras décadas do século XX. Não seria um exagero procurar atribuir tal fato a própria biografia deste intelectual – no que pesem algumas de suas idéias mais liberais, há sua íntima ligação com a Igreja Católica e a utilização de diversos pensadores católicos em suas reflexões. Visto como representante do pensamento *de direita*, conservador, o valor de sua produção acaba por ser ofuscado por estas “falhas”, afinal, suas idéias e/ou propostas não seriam nada mais do que pura “ideologia” (aqui compreendida da maneira mais simplória possível); não estando compromissada com aquela entidade conhecida como *revolução*, as obras de Alceu Amoroso Lima acabam, por vezes, sendo transformadas em testemunhos de um visão obtusa onde busca-se a manutenção do *status quo*, da opressão e da dominação. Ora, se há alguma obtusidade aqui, é em um raciocínio como este que pretende diminuir, ou desqualificar, dado estilo de pensamento com base apenas em aspectos puramente externos ou porque suas conclusões, ou até mesmo pontos de partida, não se coadunam com os anseios daqueles que, *a posteriori*, vem para “julgar” os autores malditos ou não. Note-se que não há aqui qualquer intenção em nomear quem é bom ou ruim, qual obra é melhor ou pior e muito menos de procurar “recuperar a imagem” de dado autor, mas sim uma tentativa de mostrar que descartar de forma inconseqüente a produção intelectual de determinado pensador não traz nada além de prejuízos ao conhecimento que se pretende buscar e produzir, porque se algumas idéias existiram, materializaram-se em livros que circularam pelo País e entre as pessoas, provocando reações a favor ou contra, só pode significar que havia um espaço disponível não só para a produção das mesmas quanto de sua discussão, circulação e, quem sabe, reinterpretção. A realidade vigente neste local propiciava tal situação a qual refletia a

dinâmica da sociedade, demonstrando uma variabilidade de pensamentos capaz de exprimir aquilo que diversas pessoas esperavam ou almejavam. Assim, é observando tais princípios que se pretende discutir alguns aspectos do pensamento de Alceu Amoroso Lima.

Seria recomendável operar de forma semelhante a Robert Nisbet em seu estudo acerca da importância do Conservantismo para a Sociologia (BOTTOMORE; NISBET, 1980: 118-165). Nisbet, aí, reconhece a contribuição do conservantismo não só para a Sociologia como para as outras ciências sociais em vista de seus métodos de abordagem e objetos de estudo, pois colocando-se como o anverso do Iluminismo e procurando analisar a sociedade em seus elementos concretos (embora procurasse, ao mesmo tempo, defendê-los, como no caso da família, da religião, das corporações, das classes sociais, etc) foi capaz de trazer à tona e identificar estes mesmos elementos, transformando-os em objetos de observação dos quais valeu-se para sua reflexão:

O estilo ou método conservador foi empírico, histórico e ligado à observação do que podia ser, de fato, visto e descrito. Não o homem no sentido abstrato, não o homem “natural”, não o homem como poderia ser imaginado num estado natural ou numa sociedade ideal, mas o homem historicamente concreto, o homem como um francês, um inglês, um camponês ou um aristocrata, ou um sacerdote, um negociante, um soldado, um estadista (...). (Idem: 119-120)

O pensamento de Alceu Amoroso Lima, sobretudo no período que marca sua conversão ao catolicismo até meados da década de 1940, se colocado sob uma análise mais detida, provavelmente revelaria certa proximidade com este conservantismo, apresentando características semelhantes, porém não é este o caminho pretendido. Esta aludida aproximação serve para apontar a importância e a contribuição deste autor para o pensamento brasileiro (seja ele social, político, econômico), sublinhando-se não só o já exposto no primeiro parágrafo da presente seção como ressaltando uma forma particular, e válida, de apreensão da realidade, afinal, como diz-nos Hannah Arendt, “ser visto e ouvido por todos é importante pelo fato de que todos vêm e ouvem de ângulos diferentes” (ARENDRT, 2008: 67). Desta maneira, é por meio de uma análise pautada por tais princípios, onde se busca *compreender* um sistema de idéias ao invés de apenas descartá-lo por não se coadunar com as posições defendidas pelo pesquisador, que se partirá para uma análise do pensamento de Alceu Amoroso Lima, com ênfase em suas reflexões sobre a política, desenvolvidas na década de 1930 no Brasil – utilizaremos, aqui, algumas das principais obras deste autor². E

² Vide referências bibliográficas.

como ponto de partida, parece interessante observar alguns dos elementos “básicos” dos quais lança mão Alceu Amoroso Lima.

Para o autor, antes de tudo, a política é “o governo da Sociedade pelo Estado” (LIMA, 1956: 12), e através desta definição é possível vislumbrar um dos principais elementos com os quais Alceu Amoroso Lima trabalha, que é o de sociedade. Sua reflexão concernente à política inevitavelmente parte daquela, bem como dela se desenvolve, pois é aí onde se encontra o indivíduo, compreendido tanto como agente como paciente na formação da sociedade. Desta maneira, partirá Amoroso Lima do princípio que o homem é um ser sociável cujas necessidades impelem-no para o convívio com seus semelhantes: “Sozinho [o homem] não é capaz de prover a tudo de que necessita para viver. Pois a sociedade lhe é indispensável tanto para viver como para viver bem” (Ibid. 16). Contudo, isto não significa dizer que o homem só existe quando em sociedade, pois é, na verdade, o primeiro que forma a segunda (e não ao contrário), pois ainda que ele se encontre em uma das três condições de vida isolada colocadas por São Tomás de Aquino (a *mala fortuna*, quando uma causa violenta isola o homem; a *corruptio naturae*, quando alguma patologia leva o homem a algum tipo de confinamento; e a *excellencia naturae*, quando o homem decide por uma vida eremítica), o homem ainda mantém a sua natureza. As necessidades que os fazem reunir-se em sociedade são, assim, condicionais, e não absolutas – Alceu Amoroso Lima critica, seguindo estes princípios, tanto o individualismo do século XIX, quanto o que denomina de “societismo exagerado” do século XX, o qual considera o homem fora da sociedade uma abstração. Idéia, aliás, partilhada também por outro intelectual da época que também compõe aquilo que José Luis Bendicho Beired chama de “direita nacionalista” (BEIRED, 1999), Miguel Reale, cujas obras encontram-se inscritas na produção da Ação Integralista Brasileira – para o intelectual integralista, “o *individualismo* é falho porque toma como ponto de partida o *indivíduo isolado*”, e o “*socialismo* labora em erro pelo fato de fazer abstração do indivíduo para só examinar a *sociedade*” (REALE, 1983 [1937]: 122). Amoroso Lima procura, então, resgatar o indivíduo, nem hipertrofiando-o, nem hipotrofiando-o, mas sim sublinhando sua existência em si, com suas singularidades e diferenças. O pensador católico procura recusar, de um lado, o determinismo social, e do outro, o arbitrarismo social, ressaltando, assim, o papel exercido pela *vontade* humana e, sobretudo, pelo *livre-arbítrio*, o qual permite tanto a formação como a conservação da sociedade.

Nestes termos, passa o autor a refletir, no tocante a política e a sociedade, acerca dos *grupos* a formarem esta, com destaque para três: o biológico, o pedagógico e o econômico. O primeiro, como não poderia deixar de ser, refere-se à família, que no entender de Alceu

Amoroso Lima antecedeu tanto a sociedade quanto ao Estado, sendo assim considerada como “grupo biológico, pois nasce da sociedade conjugal, primeiro grupo humano, que visa a conservação da espécie por meio da inclinação natural dos sexos” (LIMA, 1956: 34). Sua importância é tanta que a constituição da sociedade é feita por meio da *união de várias famílias*, daí ser considerada também como grupo sociológico primordial o qual acaba por influenciar tanto a esfera econômica quanto política de um país – aqui, ao localizar a família como entidade fundamental para a sociedade e relações que nela ocorrem, Amoroso Lima opera, mais uma vez, de forma semelhante aos intelectuais analisados por Robert Nisbet em seu estudo sobre o conservantismo e sua contribuição para os estudos das ciências sociais. Como instituição concreta da sociedade, de interferência sobre o mundo do trabalho e dos rumos políticos da Nação, a família configura-se como elemento primordial da sociedade, deslocando para fora do centro de gravitação desta tanto o indivíduo quanto o Estado.

Sobre o grupo pedagógico, Alceu Amoroso Lima refere-se à escola, por ele considerada como um complemento da família. A escola seria um grupo natural “por acidente”, pois surgiria não como uma instituição inevitável para a sociedade, mas sim como fruto de uma necessidade ou *finalidade* da própria família, tanto é que “é sobre o modelo da família, portanto, que a escola se deve formar” (Ibid. 38). Ela é um elemento intermediário entre a família e o Estado, tomando parte tanto da realidade de ambos porque nela subsistem tanto traços de uma como do outro, ou seja, se de um lado a escola forma o ser humano individualmente (como a família), ela também o faz socialmente, concedendo as pessoas um senso social proveniente da noção de Estado. Assim, Amoroso Lima relata as características básicas dos três níveis de formação escolar: no primário, deve prevalecer um sentimento familiar, de amor e carinho e cuidado individual; no secundário, os indivíduos devem ser preparados “para a vida da vontade”, ocupando o espaço onde tem seu caráter moldado pelo convívio com os familiares e a sociedade; e no superior os indivíduos devem “modelar-se então pelo espírito público, pela vida do Estado em suas características fundamentais, que é o que constitui o verdadeiro espírito universitário, a preparação para a vida pública” (Ibid: 39), o que já demonstra a importância deste segundo grupo social para a política, pois é no espaço público para o qual são preparados os indivíduos que ela surgirá.

O terceiro grupo, o econômico, é para Alceu Amoroso Lima como formado por:

todas as sociedades privadas, nascidas do livre consenso dos seus associados e que se baseiam juridicamente no contrato que as constitui e socialmente na necessidade de dar às atividades especializadas dos homens, na ordem econômica, uma expressão na vida pública da sociedade. (Ibid: 39).

É com base neste terceiro grupo que se deve construir o *sindicalismo cristão*, detentor de cinco características a distinguí-lo das outras propostas de sindicalismo: ele é de organização e colaboração (não havendo espaço para a luta de classes); é de base espiritual (e não apenas utilitária); é de direito privado; é livre e não obrigatório; e é profissional. Estas propostas também diferem em alguns aspectos das propostas sindicalistas e corporativistas observadas no movimento integralista, onde a filiação aos sindicatos é obrigatória e os mesmos são públicos, devendo estar ligado ao Estado – caso não sejam, eles não são reconhecidos.

Um outro “grupo”, o *político*³, pode ser considerado como sendo o Estado, que orienta e coordena os demais, mas sem desconhecer-lhes os direitos. Relembrando, então, que a concepção de política para Alceu Amoroso Lima diz respeito ao *governo de uma sociedade por um Estado*, temos que este acaba por pressupor uma integração de todos os elementos que formam o corpo social. É evidente que, não obstante tal integração, a sociedade deve permanecer assentada sobre a idéia de que os seres humanos são naturalmente desiguais e, por isto, deve ser ela organizada hierarquicamente, respeitando o princípio da autoridade que nela inevitavelmente subsiste – pode-se, novamente, traçar um paralelo com o pensamento de Miguel Reale, mas vale a pena ressaltar que tais pressupostos não encontram eco nas formulações de outro intelectual integralista, Plínio Salgado (ARAÚJO, 1987). O Estado, então, para Amoroso Lima, passa a ser uma espécie de regulador da sociedade com a função de “coordenar a atividade de cada grupo, de modo a que todos, além do seu bem próprio, cooperem para o bem comum”, porém, isto só ocorre se “o Estado respeitar a natureza de cada um dos grupos menores de que se compõe a sociedade civil” (LIMA, 1956: 68), como aqueles três principais acima destacados.

A Idade Nova

Estes primeiros apontamentos servem, a nosso ver, como pontos de partida em potencial para futuras reflexões referentes a produção intelectual de Alceu Amoroso Lima com destaque para aquela desenvolvida nos últimos anos da década de 1920 e, principalmente, ao longo da década de 1930, pois não apenas servem como um testemunho para as tentativas de análise e compreensão da realidade e dos problemas brasileiros, como também demonstram o compromisso assumido pela intelectualidade nacional em sistematizar uma proposta, ou alternativa, para o Brasil diante das variadas opções e tendências presentes na época. É importante verificar como o autor propõe, para o contexto brasileiro, uma dada

³ Alceu Amoroso Lima também reconhece como grupo político o município ou as comunas.

visão do que seria *política* e como esta poderia influenciá-lo. E é esta política em particular (de integração, compromisso e união) a qual possibilitará ao Brasil a entrada na chamada Idade Nova (LIMA, 1935: 123-134), uma nova ordem mundial que começa a tomar forma diante de um “mundo agitado por rápidas e contundentes mudanças” (BEIRED, 1999: 136). Marcada por características como o intervencionismo do Estado na vida social e na economia, a organização da sociedade em corporações e sindicatos, a implantação de uma justiça social efetiva e o relevo dado aos fatores e progressos técnicos, a Idade Nova delinea-se no horizonte de Amoroso Lima como possibilidade cada vez mais real pela adoção daquelas práticas no Brasil as quais poderão atingir sua plenitude por meio da sua proposta de política que leva em conta aqueles grupos básicos da sociedade, bem como a interação deles entre si.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de *et al.* *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, pós-30*. vols. I-V. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001. 2ª Edição.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução – O Integralismo do Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 10ª Edição.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem: Os intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914 – 1945)*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à economia moderna*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. 3ª Edição.
- LIMA, Alceu Amoroso. *No limiar da Idade Nova*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Política*. Rio de Janeiro: Agir, 1956. 4ª Edição.
- NISBET, Robert. “Conservantismo”. In: BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert. *Histórica da Análise Sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.
- REALE, Miguel. “Atualidades brasileiras”. In: *Obras Políticas (1ª Fase - 1932-1937)*. Brasília: Editora UnB, 1983. t. III.